

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

ROSELANA RODRIGUES DA SILVA

Sala de aula improvisada: novo espaço, novas aprendizagens.

Porto Alegre

2010

ROSELANA RODRIGUES DA SILVA

Sala de aula improvisada: novo espaço, novas aprendizagens.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACHED/UFRGS.

Orientadora: Professora Iris Elisabeth Tempel Costa

Prof. Dra. Rosane Aragón de Nevado

Tutora: Simone Ramminger

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho, inicialmente, a Deus, que me carregou durante esta trajetória. Aos meus pais, irmãos e amigos, especialmente, ao meu marido, minha filha e meu genro que compartilharam comigo os momentos de tristezas e também de alegrias, nesta etapa em que, com a Graça de Deus, está sendo vencida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me dar forças e iluminar meu caminho para que pudesse seguir em frente.

A minha mãe Darci de Bittencourt pelas orações e palavras de conforto.

A minha sogra Delair que sempre ouviu minhas angústias e me acalmou com sábias palavras.

Ao meu pai Ademar e meu sogro Darci Antonio que não estão mais entre nós, mas tenho certeza que estão orgulhosos da minha vitória.

A minha filha Carla e meu genro Rafael que muito me ajudaram com a tecnologia, principalmente na formatação de meus trabalhos.

A minha cunhada Rosane que me incentivou a ser uma educadora.

Ao meu marido Luis Carlos, que, com seu apoio, foi a peça fundamental em toda minha caminhada, meu pilar de sustentação, meu porto seguro.

As minhas amigas, Jurema, Lidiane, Sandra, Rejane e Luciana Dias, que me confortaram e tiveram muita paciência comigo.

A direção da escola que trabalho e minhas colegas, principalmente as do 3º ano do ensino fundamental que desenvolveram comigo meu projeto de estágio.

Aos meus alunos, pois eles foram peças fundamentais para meu crescimento profissional e pessoal.

As professoras Beatriz e Iris que estiveram do nosso lado ao longo desses quatro anos e meio.

As tutoras do pólo de Alvorada Adriana, Grace, Vanessa e Rosaura que com dedicação ajudaram neste desafio.

A tutora Simone Ramminger que me acompanhou durante a graduação, o estágio supervisionado e na conclusão deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho descreve e analisa a prática pedagógica, desenvolvida ao longo do meu estágio curricular obrigatório de 180 horas, de abril a julho de 2010, do curso de graduação em Pedagogia da UFRGS, realizado com uma turma de 32 alunos de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola do município de Alvorada, RS. Em uma sala de aula instalada, provisoriamente, em um galpão que não era próprio para o ensino, com pouca ventilação e isolamento acústico muito precário, desenvolvi atividades diversificadas, buscando nas práticas utilizadas maneiras de conciliar o desafio com o desenvolvimento cognitivo da turma. Trabalhar com os alunos a construção de regras também foi importante para uma boa convivência nesse espaço. Durante este período, os únicos recursos com os quais podia contar eram o quadro, o giz, uma câmera digital e o apoio dos professores das horas atividades de Recreação, Educação artística e Hora do Conto. Mesmo na hora do recreio, os alunos permaneciam nas salas de aulas, por falta de espaço próprio para o lazer. Acredito que os trabalhos em grupo, as atividades lúdicas e de pesquisa e atividades que levavam em conta a realidade dos alunos foram recursos importantes para trabalhar com eles nesse espaço improvisado que tínhamos, incentivando a interação entre os alunos, estimulando a curiosidade e a aprendizagem. Para fundamentar teoricamente este trabalho busquei apoio nas leituras de BROUGÉRE, FORTUNA, FREIRE, FRIEDMANN, PERIN, entre outros. As condições do espaço, organização, recursos, diversidade de ambientes internos e ao ar livre, limpeza, segurança, etc. são fundamentais, mas são as interações que qualificam o espaço. Mesmo estando em um local que não é próprio para o ensino (galpão), foi possível realizar um trabalho pedagógico de qualidade, pois tinha também o amparo das minhas colegas e equipe diretiva.

Palavras-chave: espaço, tempo, adaptação, construção de regras

SUMÁRIO

<u>I. INTRODUÇÃO</u>	<u>12</u>
1.1 O contexto da prática.....	13
1.2 Os alunos, sujeitos da prática.....	13
1.3 Delimitação do Problema	14
<u>II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</u>	<u>16</u>
<u>III. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA</u>	<u>21</u>
<u>IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>32</u>
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	35

I. INTRODUÇÃO

Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando - costumava dizer Ana Terra. Mas, todos os dias ventosos de sua vida, um havia que lhe ficara para sempre na memória, pois o que sucedera nele tivera a força de mudar-lhe a sorte por completo, Mas, em que dia da semana teria acontecido? Em que mês? Em que ano? (...) e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário e nem relógio. Eles guardavam na memória os dias da semana viam as horas pela posição do sol; calculavam as passagens dos meses pelas fases da lua e era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano. (VERÍSSIMO,1988,p.21)

Neste trabalho de conclusão de curso (TCC) pretendo analisar questões ligadas ao tempo e espaço, enfrentadas durante o estágio curricular obrigatório. Esta escolha deveu-se ao fato de ter cumprido às 180 horas de estágio supervisionado em uma sala de aula com mais ou menos 16 m² inserida dentro de um galpão de 590 m², situado em Alvorada, RS, de abril a junho de 2010.

No período do estágio, a escola em que eu lecionava estava em condições muito precárias e, em função disso, a prefeitura decidiu construir uma escola nova. Passamos, então, a trabalhar neste galpão, dividido em 13 salas, por divisórias simples e com pouco isolamento acústico. Na entrada do galpão, à direita, tínhamos dois armários para guardar os materiais como: folhas, alguns dicionários, apagadores, livrinhos para leitura e nossos pertences pessoais, um armário para os professores de área e outro para os professores do currículo. À esquerda, uma mesa onde ficavam nosso livro ponto e os cadernos de chamada, bebedouros, banheiros dos alunos e dos professores, uma geladeira e o armário da equipe diretiva. Neste período, os únicos recursos com os quais podíamos contar eram o quadro, o giz e o apoio dos professores das horas atividades de Recreação, Educação artística e Hora

do Conto. Mesmo na hora do recreio, os alunos permaneciam nas salas de aulas, por falta de espaço próprio para o lazer.

1.1 O contexto da prática

Conforme já descrito, o estágio desenvolveu-se em uma escola municipal de Alvorada, RS, na grande Porto Alegre.

Por ocasião do estágio, seu quadro de funcionários era formado por 1 diretora, 2 vice-diretores pela manhã e 2 vice-diretores a tarde, 57 professores, 2 secretárias, 2 vigias e 7 funcionários para atender a 990 alunos, distribuídos em dois turnos. No turno da manhã, eram atendidas as turmas de 5ª a 8ª séries e no turno da tarde as turmas do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental.

Na sala de aula em que desenvolvi o estágio, tínhamos nos 16m², 32 classes e cadeiras, dispostas duas a duas e um quadro negro com 2 metros de largura por 2 metros de altura. Fixados ao quadro tínhamos três sacolas de TNT coloridas com material para atividades: livros para leitura, encartes para recortes e colagens, gravuras e fichas contendo palavras usadas como mote para a produção de frases e textos. Nas paredes, ficava exposto um cartaz com informações sobre os aniversariantes e um painel contendo dados que chamamos de "Números de minha vida". Os dados, que apareciam neste painel, foram coletados pelos alunos com a ajuda dos responsáveis e registravam os números do calçado, da roupa, da casa e o horário em que cada um acordava e ia dormir. Além disso, estavam expostos também cartazes com conteúdos trabalhados em aula.

A sala possuía duas janelas do tipo basculante de 2 metros de altura por 1 metro de largura e a vista era de um paredão. O isolamento acústico era precário e por isso trabalhamos sempre com muito barulho.

1.2 Os alunos, sujeitos da prática

A turma, com a qual trabalhei durante meu estágio curricular, era uma turma de 3º ano composta por 32 alunos, sendo 11 meninas e 21 meninos. Na época, um aluno tinha 13 anos e o restante tinha entre 8 e 11 anos. A grande

maioria morava perto da escola e suas famílias eram de classe sócio-econômica C. Somente 4 alunos vinham para escola e retornavam para casa sozinhos, os outros, somente acompanhados pelos responsáveis. Ao iniciar o estágio, fiz uma testagem com os alunos e verifiquei que no grupo havia 3 alunos repetentes, sendo um menino e duas meninas que ainda não sabiam ler e escrever. O relacionamento da turma, em geral, era tranquilo com exceção de dois alunos que gostavam de estar em evidência, em uma constante disputa de "poder". Um deles freqüentava outra escola no ano anterior, da qual saiu por motivos de brigas e desrespeito a professora.

No decorrer do estágio, constatei que cerca de 60% dos alunos entendiam os conteúdos trabalhados e eram participativos, falantes e curiosos. As atividades que eles aceitavam melhor eram aquelas mais dinâmicas como recortes, colagem, dobraduras, hora do conto, gráficos, bingos, jogo da memória e confecção de painéis e cartazes como o dos aniversariantes. Também participavam com interesse das horas atividades de Educação Artística, Recreação, Leitura e reforço de matemática, ministradas com auxílio de outros professores.

Os pais participavam das atividades oferecidas pela escola, geralmente aos sábados, como, por exemplo, em exposição de trabalhos realizados pelos alunos durante o trimestre, oficinas, palestras e nos conselhos de classe que eram realizados durante o horário de aula com a presença de todos os seguimentos da escola: professores, alunos, responsáveis e um membro da equipe diretiva.

O comparecimento maior dos pais ocorria na entrega das avaliações. Geralmente, os pais mais participativos eram aqueles dos alunos que mostravam um bom rendimento. Ao final do meu estágio, 20 alunos conseguiram atingir os objetivos propostos durante o semestre.

1.3 Delimitação do Problema

Considerando os limites do espaço físico da escola e da sala de aula na qual desenvolvi meu estágio e considerando que o tempo e o espaço,

normalmente, são ocupados e organizados na vida de cada um dos alunos segundo critérios próprios, que atendem às necessidades de suas famílias, com valores, hábitos e atitudes diferentes, entendi ser fundamental trabalhar estes aspectos, durante meu estágio. Isto é especialmente importante quando existe um espaço comum e restrito, que força a convivência, como é a escola na qual estão inseridos. A construção de regras e normas a serem seguidas em comum acordo por todos que a freqüentam são imprescindíveis para possibilitar a diversificação das atividades propostas por parte da professora e a dedicação e interesse por parte dos alunos.

Neste TCC busco responder a questão que me acompanhou durante todo o estágio: Como dar aulas de qualidade em um local (galpão) que não é adequado para o ensino?

O foco nos conceitos de espaço e tempo também foi pensado porque estes conceitos podem ser estudados em diferentes áreas do conhecimento.

Neste trabalho, também parti do pressuposto de que a organização dos tempos e dos espaços na escola reflete a concepção pedagógica por ela adotada. Ela tanto permite situar a escola em um espaço de trabalho mais rico, flexível e democrático, abrindo possibilidades pedagógicas e de interação, com o envolvimento de alunos, professores e comunidade, quanto pode se fechar para as trocas na medida em que se estrutura temporal e espacialmente de modo rígido.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O espaço da escola não é apenas um 'continente', um recipiente que abriga alunos, livros, professores, um local em que se realizam atividades de aprendizagem. Mas é também um 'conteúdo', ele mesmo é educativo. [...] Há uma 'docência do espaço'. Os alunos aprendem dele lições sobre a relação entre o corpo e a mente, o movimento e o pensamento, o silêncio e o barulho do trabalho, que constroem conhecimento (FUNDESCOLA/MEC, 2006 apud LIMA, PINTO, NASCIMENTO, 2010).

Durante a construção desse trabalho busquei o auxílio de pesquisas de vários autores, para embasá-lo teoricamente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais é importante termos uma sala de aula com mobiliário móvel, que possa ser rearranjado para acomodar os alunos em diferentes conformações espaciais, possibilitando diversos agrupamentos e que permita fácil acesso aos materiais que usam com frequência.

Segundo Piaget (apud HORN 2004) a representação do espaço para a criança é uma construção internalizada a partir das ações e das manipulações sobre o ambiente espacial próximo do qual ela faz parte.

Oliveira (2000, p.158):

O ambiente, com ou sem o conhecimento do educador, envia mensagens e, os que aprendem, respondem a elas. A influência do meio através da interação possibilitada por seus elementos é contínua e penetrante. As crianças e ou os usuários dos espaços são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, na vivência ativa com outras pessoas e objetos, que possibilita descobertas pessoais num espaço onde será realizado um trabalho individualmente ou em pequenos grupos.

Segundo Horn (2004) o educador também deve estar atento ao ambiente, pois, o olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos interagem com eles são reveladores de uma concepção pedagógica.

Ainda de acordo com Rossetti-Ferreira (1992 apud HORN 2004, p. 15), não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente. Pois para as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental se faz necessário que sejam constantemente provocadas.

Conforme Wallon (apud HORN 2004, p. 16), o meio assume uma importância significativa, assim como o papel do grupo, podendo-se inferir que os espaços destinados a crianças pequenas deverão ser desafiadores e acolhedores, pois, conseqüentemente, proporcionarão interações entre elas e delas com os adultos. [...] O espaço é uma construção social que tem estreita relação com as atividades desempenhadas por pessoas nas instituições.

A atividade humana é eminentemente social, e a escola é o lugar mais adequado para que essa atividade se desenvolva além do ambiente familiar, por ser um meio, muitas vezes, mais rico, na medida em que é mais diversificado e pode oportunizar as crianças a convivência com outras crianças e com outros adultos além de seus pais (WALLON apud HORN, 2004, p. 16).

A formação do ser humano, como o desenvolvimento de suas competências e habilidades se dão através das interações com a sociedade na qual essa criança está inserida. E cada sociedade relaciona-se de acordo com a sua cultura.

Para Zabala (apud RODRIGUES 2005, p. 69)

Este deslocamento faz com que muitos dos elementos que configuram o meio físico do aluno adquiram uma grande importância. Ao mesmo tempo, as características dos conteúdos a serem trabalhados determinarão as necessidades espaciais.

E ainda é necessário ressaltar que o do professor deve estar atento ao seu planejamento, incluindo nele atividades adequadas a cada faixa etária possibilitando a reformulação deste a qualquer momento, pois podem ocorrer situações diversas quando menos se espera. O planejamento assim deve

conter, atividades diversificadas e lúdicas proporcionando o desenvolvimento das habilidades e competências de seus alunos. As crianças dos anos iniciais do ensino fundamental interagem melhor nas atividades que levem motivação e prazer, como nos jogos e brincadeiras propostos com o objetivo de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem.

O jogo é fundamental na aprendizagem do aluno, com ele a criança desenvolve sua criatividade, espontaneidade. O jogo estimula o crescimento corporal e cognitivo, ele leva a criança a conhecer melhor as pessoas e o ambiente o qual ela está inserida, descobrindo seu verdadeiro EU. Conforme Rego (2000, p.80): Vygotsky afirma que o jogo é de fundamental importância na vida da criança, apesar de, não ser predominante na infância (TEZANI, 2004).

Promover o espaço em que os alunos possam manifestar sua criatividade pode parecer, para alguns professores, perda de tempo, abertura para agitação dos alunos, ou significar a própria necessidade do professor responder ou corresponder ao processo criativo dos alunos (PERIN, 2002, p.72).

Segundo Brougère (2004), quando se fala em jogo, fica subentendido que há mais de uma pessoa envolvida nessa atividade e para ser lúdico deve ser jogado por escolha espontânea da criança, sabendo-se que todo jogo tem suas regras, independente de seus jogadores. Sabendo da necessidade de manipulação de objetos para aquisição de conhecimento na faixa etária aqui mencionada, o jogo então estimula a aprendizagem e a socialização entre os colegas. Nessa concepção ainda é possível perceber que as crianças através dos jogos e de situações de brincadeira buscam soluções para alguns de seus problemas reais, utilizando aqui seu imaginário.

Segundo Fortuna (2006), no que diz respeito à constituição da subjetividade infantil, os brinquedos são parte importante deste processo, e tão afetados pelas mudanças contemporâneas como o são os adultos e as crianças. Corroborando esta idéia, Friedmann (1996, p.11) salienta que

Os jogos e as brincadeiras, evidentemente mudaram muito desde o começo do século até os dias de hoje nos diferentes países e contextos sociais. Mas o prazer de brincar não mudou. Ao

observarmos detidamente a brincadeira infantil, duas características se destacam de imediatos: o prazer que envolve o jogo se contrapõe a momentos de tensão a uma seria compenetração dos jogadores envolvidos. O jogo é prazeroso e sério ao mesmo tempo.

Somente por intermédio de vivências significativas e interação social a criança consegue aprender. O processo de ensino e aprendizagem das crianças acontece de acordo com os estímulos recebidos pelo meio e pela cultura da qual recebe no seu meio familiar. A educação neste aspecto é muito importante para facilitar o entendimento e o auxílio na formulação das regras das atividades a serem realizadas.

Para Friedmann (1996, p.35)

As interações sociais são indispensáveis tanto para o desenvolvimento moral como para o desenvolvimento cognitivo. Por meio dos jogos de regras, as crianças não somente desenvolvem os aspectos sociais, morais e cognitivos, como também políticos e emocionais. Os jogos constituem um conteúdo natural nos quais as crianças são motivadas a cooperar para elaborar as regras.

O professor precisa proporcionar ao aluno condições de interação para que ele seja sujeito do seu conhecimento levando a interagir com o meio no qual está inserido. Quanto mais o professor conseguir assegurar no seu planejamento os objetivos propostos ou que habilidades que pretende desenvolver com o jogo ou a atividade lúdica, mais facilmente atingirá seu aluno como parte integrante desse processo.

Segundo Freire (1996) a prática educativa é algo muito sério. Lidamos diariamente com pessoas, participamos de sua formação, estamos ligados ao desenvolvimento de seu processo de conhecimento. Não é correto ao deixar-se contagiar pelo sentimento de acomodação atingir de forma negativa os alunos que estão todos os dias na nossa frente. O papel do professor é realizar um trabalho que privilegie o exercício da curiosidade, da imaginação; uma prática que dê espaço para as emoções, propiciando um ambiente pleno para o desenvolvimento das capacidades dos alunos. “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança...” (p.161).

É fundamental que a sala de aula esteja arrumada diariamente de forma que favoreça a construção do processo de ensino aprendizagem, ora em

grupos para que haja as trocas que são indispensáveis para a construção do conhecimento.

III. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA

Conforme já dito, a escola, onde eu pretendia realizar meu estágio precisou ser derrubada, em função de sua reconstrução. Com isso, tivemos que nos deslocar temporariamente para um galpão alugado pela Secretaria de Educação do Município e, nesse espaço precário, meu estágio docente foi realizado.

Nos meses de março e abril, além de termos que nos ambientar em um espaço extremamente reduzido, enfrentamos muito calor. As altas temperaturas deste período foram acentuadas pelo fato de termos janelas apenas em um dos lados da sala de aula e pela ineficiência dos isolantes térmicos usados, no forro do galpão.

Esta situação fazia com que as crianças, a certa hora da tarde, começassem a ficar mais agitadas e manifestassem queixas de que tinham muita dor de cabeça. Muitas vezes foi necessário que um membro da equipe diretiva entrasse em contato com responsáveis por um aluno, para que o buscassem antes do horário do término da aula, porque não estava passando bem.

No início do ano letivo, em uma reunião com a secretária de educação, equipe diretiva e professores, os pais e os alunos foram informados sobre a situação da escola e a necessidade de usar um galpão em seu lugar. A reação dos pais foi de insatisfação, mas explicamos que se não começássemos o ano letivo neste espaço, não teríamos data certa para iniciá-lo porque, não sabíamos quando nos entregariam a escola pronta.

Os alunos também não gostaram da situação quando ficaram sabendo que não teriam recreio fora da sala de aula, pois não tínhamos pátio para atividades recreativas.

Apesar das dificuldades iniciais, do excesso de calor e da vontade de desistir, precisava mostrar para meus alunos que estava ali para fazer a diferença. E como sabia que meu trabalho influenciaria de forma decisiva na aprendizagem dos meus alunos fiz o possível para superar a precariedade de recursos que eram oferecidos.

Para isso, elaborei um projeto de estágio no qual enfatizei o tema tempo e espaço e busquei através da pesquisa, da ludicidade, de fatos do cotidiano e da participação da família auxiliar os alunos a entenderem a importância de uma boa convivência em grupo.

Neste projeto de estágio também tive como meta levá-los a observarem seu mundo social, composto pela família, pelos vizinhos e pelos amigos; destacando o papel do homem como um ser transformador do ambiente.

Percebi que, pelo fato dos alunos não terem recreio, algumas vezes era quase impossível desenvolver uma aula de qualidade. Quando sentia que não estavam rendendo com as atividades propostas, minha estratégia era propor atividades mais lúdicas ou deixar que eles escolhessem uma brincadeira. Não tínhamos uma lista com brincadeiras, elas eram livres. Antes de iniciar, combinávamos a duração desta atividade, pois apesar dos alunos precisarem relaxar, em função da situação em que se encontravam, era necessário estabelecer limites, devido à precariedade do isolamento acústico e à proximidade das demais salas de aula. Além de servir para relaxar, o uso de jogos e as atividades lúdicas contribuem para a aprendizagem, segundo Fortuna (2002), Brougère (2001) e Friedmann (1996)

Dentre as atividades lúdicas propostas para os alunos estavam os jogos de “Bingo” que usei de diferentes maneiras: como escrita de palavras, ortografia e palavras-chave de um determinado conteúdo que pretendia trabalhar mais adiante. Outra possibilidade foi usar o jogo de bingo para desenvolver o raciocínio lógico com operações e histórias matemáticas.

Em alguns dias os alunos traziam de casa seus próprios brinquedos, ficando livres para um momento lúdico apenas pelo prazer de brincar. Os meninos traziam preferencialmente: cartinhas e carrinhos. Alguns gostavam de desenhar e para isso pegavam os livros de histórias que tínhamos na sala para copiarem os desenhos. As meninas traziam bonecas e maquiagens. Sempre houve interação entre os alunos nos momentos das brincadeiras.

Para Friedmann (1996)

O educador deve definir previamente, em função das necessidades e interesses do grupo, segundo seus objetivos, qual é o espaço de tempo que o jogo irá ocupar em suas atividades, no dia-a-dia. Deve também definir o espaço físico aonde esses jogos irão se definir: os objetos, brinquedos que serão utilizados. Esses são requisitos práticos para começar o trabalho com o lúdico (p.70).

Brougère (2001) e Fortuna (2002) consideram que a ludicidade contribui de forma positiva para a aprendizagem infantil e pode ser uma aliada da prática docente em sala de aula, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Através dos desafios da sala de aula, as crianças apresentam maior motivação em realizá-las. Num mundo tão cheio de possibilidades de conhecimento, o espaço deve estar organizado de forma a aguçar a curiosidade dos alunos para a busca do conhecimento, propondo uma aprendizagem prazerosa e motivadora. Corroborando esta idéia, Friedmann (1996) salienta que:

Os jogos e as brincadeiras, evidentemente mudaram muito desde o começo do século até os dias de hoje nos diferentes países e contextos sociais. Mas o prazer de brincar não mudou. Ao observarmos detidamente a brincadeira infantil, duas características se destacam de imediatos: o prazer que envolve o jogo se contrapõe a momentos de tensão a uma seria compenetração dos jogadores envolvidos. O jogo é prazeroso e serio ao mesmo tempo. (p.11).

No caso deste trabalho, assim como entende Brougère (2004), sempre que eu referir um jogo, estarei entendendo que falar em jogo, subentende que há mais de uma pessoa envolvida nessa atividade e que, para ser considerado lúdico, um jogo deve ser jogado por escolha espontânea da criança, mesmo tendo regras a serem seguidas e independente de seus jogadores.

Fortuna (2006) ainda relata que a ambigüidade de uma cultura que atribui o tempo todo, um baixo status social ao brincar, associando-o à perda de tempo, “coisa de criança”, não seriedade, enquanto valoriza a juventude, o jogo imediato e sem limites, tem implicações sobre a constituição da infância.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (FREIRE, 1996, p.95).

Encontrei maior dificuldade na organização do material de uso comum da turma, por não ter um armário para guardá-lo. Como moro num município e trabalho noutra, precisava carregar todos os dias de ônibus o material a ser usado como: jogos, livros de história, encartes para recortes, folhas de papel sulfite, cola, tesoura, fita, adesiva, dentre outros. Os recursos disponíveis foram: classes, cadeiras, quadro, giz, papel Kraft para fazer cartazes e painéis e pincéis atômicos para letreiros. Mesmo estando em um local sem ventilação, pouco isolamento acústico e muito barulho, consegui desenvolver meu trabalho docente.

Considerando ser um dos meus objetivos de estágio desenvolver as atividades propostas com os alunos, construí com eles algumas regras de convivência que deveriam ser seguidas pela turma. Foi possível, através de combinação estabelecer algumas rotinas como o horário de lanche, idas ao banheiro e a organização para entrada e saída da sala de aula. As merendeiras começavam a distribuir o lanche oferecido pela escola às 14 horas e 30 minutos e esse horário era aproveitado pelos alunos para, de dois em dois, irem ao banheiro e lavarem as mãos, também para comer o lanche que traziam de casa. Os horários foram sugeridos pela direção e todos concordaram, porque o espaço da escola era muito limitado e achamos melhor fazermos a movimentação no mesmo horário, para não prejudicarmos o reinício do andamento dos trabalhos de cada turma, em função de barulho. Claro que as exceções aconteciam, pois não se podiam estipular horários para as necessidades dos alunos.

Pensei em deixar de fazer algumas atividades em grupos como, por exemplo, jogo de memória com conteúdos a serem trabalhados, dobraduras, painéis e bingos em função do pouco espaço com que contávamos e em função do ruído que os alunos poderiam produzir. A primeira impressão que tive, ao ver a sala de aula que me coube foi a de que não conseguiria dispor as classes de outra forma que não fosse uma atrás da outra. Como era necessário enfrentar a situação, resolvi experimentar e para minha surpresa consegui realizá-las e vencer o medo do novo, dispondo as mesas de forma que tivessem de quatro a cinco componentes em cada grupo. Os trabalhos realizados em grupos foram de extrema importância, pois pude perceber maior interação entre os alunos, podendo assim diversificar mais as aulas. Pois a troca entre eles é constante, provocando questionamentos que muitas vezes são solucionados pelo próprio grupo. Gostaria de destacar aqui um jogo da memória do feminino e masculino de animais o qual utilizaram gravuras solicitadas anteriormente e desenhos. Durante a confecção deste jogo os alunos estavam dispostos em grupos de quatro componentes.

Também valorizei mais o trabalho com pesquisa, que segundo Freire, também é uma forma muito positiva de inserir as crianças nesse mundo letrado. Este estudo foi proporcionado através das leituras realizadas durante o curso de Pedagogia Anos Iniciais Modalidade à Distância (PEAD), demonstrando a importância da pesquisa para o processo de aprendizagem do aluno. Com a pesquisa, o aluno busca conhecimento, facilitando assim seu aprendizado e de todas as pessoas do seu convívio, buscando com isso a compreensão e interpretação do mundo.

Antes de iniciar meu estágio docente, costumava chegar, na sala de aula, com conceitos prontos para que os alunos fizessem os registros em seus cadernos. Para testar a curiosidade dos alunos, ao invés de proceder desta forma, quando pretendi trabalhar com eles o conceito de vertebrados e invertebrados lancei um desafio pedindo que os alunos fizessem pesquisas em livros, revistas e na internet sobre o que eram animais vertebrados e invertebrados.

Diante desse primeiro desafio, só quatro alunos trouxeram respostas, e as aulas tomaram um rumo bem diferente do que eu imaginava. O que eles pesquisaram foi muito além do previsto no planejamento que se limitava naquele momento somente separar os vertebrados dos invertebrados. Os alunos trouxeram informações sobre subgrupos de animais, como vivem, do que se alimentam e coberturas, entre outras curiosidades.

Como diz Freire (2002): “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (p.95).

Ter esta consciência implica em estender ao aluno a possibilidade dele também tomar consciência de suas curiosidades e inquietações e ajudá-lo a se inserir na busca por respostas.

Os alunos que fizeram as pesquisas tiveram a oportunidade de ler o que trouxeram para os colegas. Fizemos as correções necessárias na ortografia e colocamos as pesquisas na parede juntamente com um painel com gravuras confeccionado por eles na aula anterior. Um dos meninos trouxe curiosidades sobre mariposas. Mesmo com o número pequeno de alunos que deram retorno à solicitação, considerei-o muito positivo, pois foi a primeira vez que havia solicitado esse tipo de atividade.

Como diz Freire (1996),

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade(p. 32).

Houve envolvimento de todos os alunos da turma na atividade desenvolvida em aula, pois na medida em que os colegas faziam a leitura dos seus achados os demais faziam perguntas e colocações.

O primeiro trabalho em grupos de 4 e 5 componentes que propus aos alunos, foi referente aos animais vertebrados e invertebrados na semana de 26/04 a 30/04/10, iniciei a proposta de trabalho com uma conversa bem informal sobre animais de estimação. Essa conversa partiu das perguntas:

“Quem tem animal em casa?” “Que espaço seu animal ocupa na sua casa?” “Que animal você tem?” “Qual o nome dele?” “Se você pudesse escolher outro animal qual queria?”

Com gravuras recortadas de livros, revistas e desenhos, as crianças confeccionaram um jogo da memória. Esta atividade movimentou muito a turma, pois precisamos organizar as classes e cadeiras de forma que todos ficassem bem acomodados e também que ficasse espaço para eu circular entre os grupos. Apesar de toda “bagunça” o resultado foi muito gratificante porque consegui com a ajuda dos alunos colocar as classes e cadeiras de outra forma que não fosse somente enfileiradas uma atrás da outra, mesmo com um espaço limitado.

Nesta mesma semana, fiz uma hora do conto com a história *Será mesmo que é bicho?*¹, (ANEXO 1) de Ângelo Machado. A releitura da obra foi feita oralmente. Após fizemos um bingo com nomes de animais que apareciam na história e outros sugeridos pelos alunos. Esses nomes foram registrados no quadro, por mim. Para a confecção desse jogo os alunos receberam individualmente uma folha onde riscaram 9 quadrinhos do qual escreveram nomes de animais, em cada um, escolhidos por eles. Registrei os nomes do quadro em fichas e coloquei em um saquinho, que foram utilizadas para cantar as fichas do jogo.

Conforme ia cantando os nomes, eles iam marcando na cartela com grãos de feijões. Os vencedores ganharam um pirulito e quem errasse deveria, imitar um animal escolhido pela turma.

No dia 28/04/10 para comemorar o Dia da Educação fizemos uma “dobradura historiada”, nome da atividade escolhido por mim e minhas paralelas. Inventamos uma história em que o personagem principal era um menino e os outros personagens eram animais. Conforme iam ouvindo a história os alunos eram convidados a reproduzir, através de dobraduras feitas em papel ofício, os personagens. Pintaram as dobraduras e em uma folha branca distribuída posteriormente montaram a história, após fizemos um painel que ficou exposto na sala de aula.

¹ Machado, Ângelo. *Será mesmo que é bicho?* Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1996.

Para a confecção do cartaz dos aniversariantes da turma exposto na sala de aula, solicitei que pesquisassem em casa, com seus familiares, a data do aniversário de cada um, pois muitos alunos não tinham essa informação. Com fichas contendo os meses, eram feitos questionamentos, por mim, como: “Quantos meses têm o ano?” “Quais são eles?” “Qual o mês do seu aniversário?” Conforme os alunos iam respondendo eu fixava, em um papel Kraft, os meses do ano. Cada um fez um balãozinho com a data do seu aniversário. Combinamos o espaço onde ficaria o cartaz (ANEXO 2).

Percebi durante os questionamentos que alguns alunos fizeram muita confusão, misturando dias da semana com os meses. Mesmo com a solicitação anterior para que trouxessem de casa a data do aniversário, havia dois alunos que não sabiam. Assim, entrei em contato com a secretaria da escola e pedi que olhasse na ficha de matrícula, pois não podia deixar os dois sem fazer seu balãozinho para colocar no painel.

O cartaz dos aniversariantes ajudou mais aqueles alunos que ainda misturavam meses e dias da semana. Diariamente eu fazia questionamentos do tipo: “Que dia da semana é hoje?” “Tem alguém de aniversário hoje?” “Que mês nós estamos?”

Continuei apresentando a eles os conteúdos de forma bem dinâmica e interativa onde eles conheciam mais a si mesmos e os outros.

Na semana de 31/05 a 04/06/10, fizemos um painel com o nome “Números de minha vida”. O painel tinha os dados de todos da turma. Os alunos levaram de casa uma folha para completarem com seus dados como: nº do calçado, nº da roupa, nº da casa, hora que acordam hora que vão dormir e o dia do aniversário. Para montar o painel fiz em EVA o desenho de um calçado, uma roupa, um bolo, um sol e uma lua. Logo abaixo estava escrito o nome dos alunos em ordem alfabética, com a folha do tema nas mãos eu perguntava um a um os dados e colocava no painel.

Partindo do painel, fizemos várias atividades como: histórias matemáticas, operações, ordem crescente e decrescente, nº ordinal, nº par e ímpar, produção de frases, texto coletivo e muitas outras. Construímos ainda gráfico com o nº dos calçados. Gostei muito de trabalhar com essa atividade

durante meu período de estágio, pois despertou um grande interesse por parte dos alunos onde demonstraram muito interesse e dedicação ao realizá-la. Com essa atividade motivei mais a turma, pois integrei os conteúdos com a realidade dos alunos. A confecção de gráficos também mostrou o quanto os alunos são capazes. Proporciono atividades diversificadas, a fim de atualizar o planejamento, estamos dando oportunidades para que as crianças mostrem suas habilidades. Relutei um pouco antes de propor que fizessem o gráfico, pedi até ajuda para um professor de matemática, pois estava insegura achando que não conseguiriam realizá-la.

Quando distribuí as folhas quadriculadas, acharam um "barato".

Nos outros dias da semana todas as atividades que realizamos eram com a observação do gráfico. Trabalhamos com os alimentos e construímos um "semáforo de alimentos". Também fizemos levantamento do gosto de cada um para montarmos o gráfico com os alimentos preferidos. Com esses dados dos alunos continuamos fazendo atividades em todas as áreas do conhecimento. Percebi que é fundamental inovar as atividades em sala de aula para que o aluno aprenda e construa seu conhecimento de forma mais prazerosa.

Para Perin (2002),

Se os alunos têm prazer em aprender, um aprender que se processa pela curiosidade, descoberta e possibilidade de inventar, então a sala de aula poderá ser vista como um espaço onde é permitido aprender compartilhando e recriando o já conhecido (p. 72).

Não posso deixar de dizer aqui que foram as leituras e atividades sugeridas pelas interdisciplinas do PEAD que fizeram a diferença no meu trabalho pedagógico, facilitando assim o desenvolvimento de todas as atividades executadas em sala de aula com meus alunos. Os alunos precisam de espaço e oportunidade para desenvolver suas tarefas com criatividade. Para que isso acontecesse fiz o possível para que no espaço limitado que tínhamos, proporcionar atividades que despertasse o interesse de todos na sala de aula, assim, tornar o ambiente mais agradável.

Ainda para Perin (2002, p.72),

Promover o espaço em que os alunos possam manifestar sua criatividade pode parecer, para alguns professores, perda de tempo, abertura para agitação dos alunos, ou significar a própria necessidade do professor responder ou corresponder ao processo significativo dos alunos.

Gostaria de ressaltar também que houve interação da turma enquanto um grupo de alunos, pois em nenhum momento, testemunhei desorganização ou desrespeito entre eles. Demonstraram uma relação bastante positiva, de amizade e companheirismo. Estava sempre aberta ao diálogo, abrindo espaço para que os alunos expressassem suas opiniões. Em todos os momentos ressaltei a importância da existência de amizade entre eles.

Percebi que as preocupações das minhas colegas eram as mesmas que eu tinha. Quando nos reuníamos sempre relatamos os mesmos problemas os mais preocupantes eram a falta de espaço físico para atividades recreativas e pouco material didático-pedagógico, procurando soluções como diversificação nas atividades para que os alunos não ficassem inquietos e sem interesse. Sempre nos preocupamos com as questões pedagógicas do aprendizado de cada aluno, levando em consideração o local onde estávamos trabalhando e produzindo o conhecimento.

Apesar das dificuldades estruturais da escola, tais como: pouco espaço físico, falta de ventilação, escassez de recursos e área de recreação consegui perceber um grande avanço cognitivo na turma, relacionando os conteúdos vivenciados ao cotidiano escolar. Por diversas vezes observei essas situações através da postura de respeito, interação e participação pelo que estava sendo proposto. Suas relações demonstravam-se sempre muito positivas em seu relacionamento entre eles e até mesmo comigo. Também foram percebidos avanços cognitivos através das produções dos alunos (ANEXO 3).

Além disso, uma das atividades que motivou muito os alunos foi a atividade de dobradura (ANEXO 4), realizada a partir da contação de uma história criada pelas professoras das turmas de 3º ano dessa escola. Essa atividade foi muito dinâmica, mostraram grande interesse em realizá-la, pois enquanto estavam produzindo as dobraduras dos animais estavam interagindo e sentindo-se parte integrante da história. Com a atividade proposta foi possível presenciar o envolvimento dos alunos e a troca entre eles, que são

indispensáveis para a construção do conhecimento e desenvolvimento da criatividade.

Devido à situação em que estávamos vivendo dentro de um galpão, procurei oferecer aos meus alunos um ambiente onde eles expressassem suas opiniões, pensamentos e dúvidas, oferecendo atividades motivadoras e valorizando em todos os momentos suas produções.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização dos espaços na sala de aula é fundamental para o desenvolvimento integral do aluno, desenvolvendo suas potencialidades e propondo novas habilidades sejam elas: motoras, cognitivas ou afetivas. A criança que vive em um ambiente construído para ela e por ela vivencia emoções que a farão expressar sua maneira de pensar. As aprendizagens que ocorrem dentro dos espaços disponíveis e ou acessíveis ao aluno são fundamentais na construção da autonomia, tendo a mesma como própria construtora de seu conhecimento. O conhecimento se constrói a cada momento em que a criança tem a possibilidade de poder explorar os espaços disponíveis.

O papel do educador no espaço é o de um mediador mais experiente que promove as interações, que planeja e organiza atividades com o objetivo de através das relações dentro do espaço que oferece buscar o desenvolvimento integral de todas as potencialidades do aluno. O educador deve sempre melhorar a sua prática elaborando sempre novas alternativas de construir o conhecimento de um grupo como um todo, facilitando as interações, promovendo e construindo espaços.

As condições do espaço, organização, recursos, diversidade de ambientes internos e ao ar livre, limpeza, segurança, etc, são fundamentais, mas são as interações que qualificam o espaço. Mesmo estando em um local que não é próprio para o ensino (galpão), foi possível realizar um trabalho pedagógico de qualidade, pois tinha o amparo das minhas colegas e equipe diretiva.

Para que o espaço físico precário não interferisse no ensino aprendizagem, busquei como educadora fazer o melhor para os meus alunos

estabelecendo um vínculo, fortalecendo o desejo de aprender e ensinar através de atividades que despertassem mais o interesse dos alunos. Acredito que os trabalhos em grupo, as atividades lúdicas e de pesquisa foram recursos importantes que encontrei para trabalhar com minha turma nesse espaço improvisado que tínhamos, incentivando a interação entre alunos/alunos e alunos/professora, estimulando a curiosidade, criatividade e a comunicação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Padrões Mínimos de Qualidade do Ambiente Escolar, Fundo de Fortalecimento da Escola.** FUNDESCOLA / MEC 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BROUGÉRE, Gillus. **Brinquedo e cultura.** Cortez, 2001.

DAVIS, Claudia; SILVA, Maria Alice S.; ESPÓSITO, Yara. Papel e valor das interações sociais em sala de aula. **Cad. Pesq.** São Paulo, p. 49-54, nov. 1989. Disponível em: <<http://www.fcc.org/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/812.pdf>> Acesso em 07 de Nov. 2010

ELIAS, Norbet. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FORTUNA, Tânia Ramos. Papel do brincar: Aspectos relevantes a considerar no trabalho lúdico. Porto Alegre: **Revista do Professor.** Jul./set. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam – 43º Ed. – São Paulo, Cortez, 2002.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender-** o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

HORN, Maria da Graça Souza. **A Solidária Parceria entre espaço e educador- Sabores, cores, sons, aromas:** a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA, Ana Maria Botelho; PINTO, Elaine Sueli da Silva; NASCIMENTO, Renatha Cristina Fraga. **Infra-estrutura escolar e a relação com o processo de aprendizagem.** Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/42042/1/Infra-estrutura-escolar-e-a-relacao-com-o-processo-de-aprendizagem/pagina1.html>. Acesso em: 30 out. 2010.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PERIN, Martha Sozo. **O pensar que redimensiona a educação: professores e alunos no diálogo do conhecimento**. Porto Alegre: Alcance, 2002.

PETITAT, André. **Produção da escola, produção da sociedade**. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

RODRIGUES, Carméa Lúcia. O espaço nos Anos Iniciais: Construindo lugares com nomes e sobrenomes. In: MAIA, C.M. et al. **Ação pedagógica na Educação Infantil e nos Anos Iniciais**. Canoas: Ed. Ulbra, 2005.

TEZANI, Thaís Cristina. **O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=621>> Acesso em: 30 de nov. 2010.

VERISSÍMO, Érico. **O tempo e o vento: O continente I**. São Paulo: Globo

ANEXOS

ANEXO 1 - Capa do Livro



ANEXO 2 - Cartaz Aniversariantes



ANEXO 4 - Trabalho Alunos - Dobraduras

